

MUSICOTERAPIA EM CRIANÇAS COM TRANSTORNO DE DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE

Matheus Lima dos Santos¹
Pedro Henrique Cintra Cruz²
Carolina Rocha Barbosa³
Dirlene Pereira de Lima⁴
Luciana Kazue Otutumi⁵
Gilberto Alves⁶

SANTOS, M. L. DOS.; CRUZ, P. H. C.; BARBOSA, C. R.; LIMA, D. P. DE.; OTUTUMI, L. K.; ALVES, G. Musicoterapia em crianças com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade. *Arquivos de Ciências da Saúde da UNIPAR*. Umuarama. v. 26, n. 3, p. 782-793, set./dez. 2022.

RESUMO: O Transtorno de Déficit de atenção e Hiperatividade (TDAH) é um transtorno de origem hereditária que acomete entre 3 a 5% das crianças em todo o mundo, causando nelas problemas de aprendizagem e socialização, o transtorno também pode continuar se manifestando na idade adulta, causando além dos sintomas já citados problemas nos relacionamentos. A Musicoterapia é uma das terapias integrativas e complementares reconhecidas pelo Sistema Único de Saúde (SUS) brasileiro para ser aplicada na atenção básica, assim esse trabalho teve como objetivo estudar o tema do TDAH e como a Musicoterapia pode ser empregada nessa síndrome. Não foram muitos os trabalhos encontrados na literatura descrevendo práticas da Musicoterapia em pacientes com TDAH, porém os estudos publicados têm mostrado que ela possui resultados positivos na melhoria de vida e bem-estar desses pacientes, principalmente com o emprego de técnicas da Musicoterapia ativa.

PALAVRAS-CHAVE: Terapias integrativas e complementares; Música; TDAH.

MUSIC THERAPY IN CHILDEN WITH ATTENTION DEFICIT DISORDER AND HYPERACTIVITY

ABSTRACT: Attention Deficit Hyperactivity Disorder (ADHD) is a disorder of hereditary origin that affects between 3 and 5% of children worldwide, causing them learning and socialization problems, the disorder can also continue to manifest in adulthood, causing in addition to the symptoms already mentioned problems in relationships. Music Therapy is one of the integrative and complementary therapies recognized by the Brazilian Unified Health System (SUS) to be applied in primary care, in order to understand this issue this work aimed to study the theme of ADHD and how Music Therapy can be used in this syndrome. Few studies could be found in the literature describing Music Therapy practices in ADHD patients however, published studies have shown that it has positive results in improving the lives and well-being of these patients, mainly with the use of active Music Therapy techniques.

DOI: [10.25110/arqsaude.v26i3.2022.8217](https://doi.org/10.25110/arqsaude.v26i3.2022.8217)

¹ Acadêmico de curso de Psicologia, Bolsista pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica da Universidade Paranaense (PIBIC – UNIPAR). Universidade Paranaense (UNIPAR).

E-mail: werdnashlyn@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9652-3866>

² Acadêmico do curso de Psicologia. Universidade Paranaense (UNIPAR). E-mail: pedro.cintra@edu.unipar.br
Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5459-0390>

³ Especialista em Alta Gastronomia. Universidade Paranaense (UNIPAR). E-mail: carolinarocha@prof.unipar.br
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7432-4580>

⁴ Mestra em Ciência Animal. Universidade Paranaense (UNIPAR). E-mail: dirlenelima@prof.unipar.br
Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0009-9613>

⁵ Doutora de Zootecnia. Universidade Paranaense (UNIPAR). E-mail: otutumi@prof.unipar.br
Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0426-6431>

⁶ Doutor em Ciência de Alimentos. Universidade Paranaense (UNIPAR). E-mail: giodroggo@gmail.com
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9401-6358>

KEYWORDS: Integrative and complementary therapies; Music; Music therapy; ADHD.

MUSICOTERAPIA EN NIÑOS CON TRASTORNO POR DÉFICIT DE ATENCIÓN E HIPERACTIVIDAD

RESUMEN: El Trastorno por Déficit de Atención e Hiperactividad (TDAH) es un trastorno de origen hereditario que afecta a entre el 3 y el 5% de los niños de todo el mundo, provocando en ellos problemas de aprendizaje y socialización, el trastorno también puede seguir manifestándose en la edad adulta, provocando además de los síntomas ya mencionados problemas en las relaciones. La musicoterapia es una de las terapias integradoras y complementarias reconocidas por el Sistema Único de Salud (SUS) brasileño para ser aplicada en la atención básica, por lo que este trabajo tuvo como objetivo estudiar el tema del TDAH y cómo la musicoterapia puede ser utilizada en este síndrome. No se han encontrado muchos trabajos en la literatura que describan las prácticas de Musicoterapia en pacientes con TDAH, sin embargo, los estudios publicados han demostrado que tiene resultados positivos en la mejora de la vida y el bienestar de estos pacientes, principalmente con el uso de técnicas de Musicoterapia activa.

PALABRAS CLAVE: Terapias integradas y complementarias; Música; TDAH.

1. INTRODUÇÃO

O Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) é o transtorno mais comum em crianças e adolescentes encaminhados para serviços especializados. Ele ocorre em 3 a 5% das crianças, em praticamente todas as regiões do mundo onde já foi pesquisado, sendo que em mais da metade dos casos o transtorno acompanha o indivíduo na vida adulta, embora os sintomas de inquietude sejam mais brandos, com isso em mente o objetivo deste trabalho foi realizar uma pesquisa bibliográfica na forma de revisão para abordar a Musicoterapia como uma terapia complementar no tratamento de crianças em idade escolar diagnosticadas com TDAH e relatar algumas experiências já realizadas nesse sentido (SIGNOR; SANTANNA, 2020).

O número expressivo de portadores de TDAH e a atual busca por muitas pessoas por uma vida mais saudável e menos medicamentada, é uma realidade, a tal ponto que a Organização Mundial da Saúde recomenda aos seus países membros a introdução de práticas integrativas e complementares em seus sistemas públicos de saúde, no Brasil o Ministério da Saúde já introduziu no SUS essas práticas, entre elas a Musicoterapia, o que permite a aplicação dessas práticas e pesquisas visando entender como e em quais problemas de saúde essa prática pode ser aplicada, como o TDAH, um tema que não apresenta ainda muitos estudos publicados, sejam eles qualitativos ou quantitativos (LOPES, NASCIMENTO, BANDEIRA, 2005).

Como já é de conhecimento de médicos, educadores e pesquisadores o TDAH é um transtorno de origem hereditária e que acomete uma porcentagem significativa da população mundial, mesmo que na maioria dos casos os sintomas iniciam na infância muitos adultos também continuarão com o mesmo por toda a vida. Atualmente a maioria dos pacientes com TDAH realiza tratamento farmacológico com o uso de cloridato de metilfenidato, porém alguns pacientes e portadores procuram pelo auxílio de alguma outra forma terapêutica além da medicamentosa, as chamadas

terapias integrativas e complementares, a Musicoterapia, é classificada pelo SUS (Sistema único de Saúde) como uma dessas terapias e neste trabalho buscou-se saber se ela é realmente eficiente para esse transtorno e como pode ser aplicada (COSTA et al., 2011), desta forma, o objetivo desse trabalho foi investigar a aplicação da Musicoterapia como um possível tratamento em crianças diagnosticadas com TDAH.

2. O TDAH

O Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) é considerado a desordem neuropsiquiátrica mais comum da infância, seus sintomas são normalmente hiperatividade, impulsividade e desatenção, ele é hoje um dos temas mais estudados em crianças em idade escolar e acredita-se que ele seja uma das principais fontes de encaminhamento de crianças ao sistema de saúde (SIGNOR; SANTANNA, 2020).

Muitos pesquisadores acreditam que o TDAH apareça devido a uma falha genética que levaria a uma disfunção na porção frontal do cérebro afetando de 3 a 5% da população de escolares e tem se demonstrado que o distúrbio persiste na vida adulta em um grande número de indivíduos, causando comprometimento significativo (DIAS et al., 2007; DOLĞUN, 2018; SIGNOR, SANTANNA, 2020).

Acampora (2019, p. 47) descreve que o TDAH possui origem genética e que seus portadores possuem uma menor taxa de dopamina que é o neurotransmissor responsável pelo controle motor e atenção, o que gera seus sintomas já conhecidos, mesmo que o TDAH se manifeste na primeira infância o diagnóstico só é realizado quando a criança atinge 6 anos de idade, quando ela vivencia a aprendizagem.

Porém atualmente outros pesquisadores afirmam que o problema não decorre de somente alguma alteração no cérebro, mas sim de uma multiplicidade de fatores, entre eles, afetivos, pedagógicos, culturais, interacionais e políticos. Assim, os sinais que costumam orientar o diagnóstico, são relacionados a uma construção social/contextual, ou seja, esses sinais que se manifestam no corpo e na linguagem são compreendidos a partir de processos interacionais mais amplos, assim é importante que estudos que elucidem tanto a base biológica quanto as comportamentais que são responsáveis para o desenvolvimento e manutenção dos comportamentos clássicos deste transtorno para a implementação de terapias eficazes (SIGNOR, SANTANNA, 2020).

Em estudos realizados com gêmeos e famílias indicam que o TDAH é um transtorno que tende a se repetir dentro da família, o que reforça a sua origem genética, com um risco de transmissão para parentes de primeiro grau da ordem de cinco a dez vezes maiores que os encontrados na população em geral, além de que estudos indicarem que a genética influencia os níveis de TDAH na população e que esse transtorno é melhor observado como uma expressão extrema de um ou mais traços distribuídos de forma contínua, sendo que dois tipos de sintomas do TDAH, a desatenção e a

hiperatividade-impulsividade, compartilham a maioria de suas influências genéticas, mas não todas, sugerindo que processos genéticos e neurobiológicos, únicos e compartilhados estão envolvidos, o que faz com que pessoas diferentes possuam diferentes graus e características do transtorno (ASHERSON, 2010).

Nas crianças o TDAH gera implicações no processo de aprendizagem, que podem ser constatadas no baixo desempenho de tarefas entendidas como complexas, e uma má da memória de longo prazo, que dificulta a retenção e recuperação dos fatos, assim o processo de aprendizagem se torna lento e desafiador nas diversas atividades escolares, sejam elas manipulação de sílabas ou fonemas e na leitura de palavras irregulares, que exigem retenção, análise e recuperação de informação ou o uso de fatos aritméticos. (COSTA et al., 2011).

Em adultos o TDAH em adultos é uma doença de difícil detecção, uma vez que os sintomas são mascarados, mas pode ser percebido na maioria dos casos problemas de relacionamento afetivo e interpessoal, de organização, problemas de humor, abuso de substâncias, que dificulta o diagnóstico acarretando que muitos adultos ficam sem diagnóstico e tratamento, daí a importância de um diagnóstico precoce e tratamento adequado o que leva a uma redução dos sintomas (LOPES, NASCIMENTO, BANDEIRA, 2005).

O cloridrato de metilfenidato, conhecido popularmente como Ritalina® é o principal medicamento indicado para o tratamento do TDAH e possui eficácia comprovada, similarmente a outros medicamentos à base de anfetaminas, porém esse medicamento atua por quatro horas sendo específico para uso em estudos e trabalho. A medicação é uma intervenção aceita, entretanto há a necessidade de um tratamento multidisciplinar, devido às suas limitações, deve-se considerar a associação também de intervenções psicológicas, terapêuticas e educacionais, de forma que o tratamento do TDAH apresente abordagens múltiplas, inclusive com medicamentos que atuam na regulação neurobioquímica disponibilizando maior quantidade de dopamina e norepinefrina em partes específicas do córtex visando estimular o sistema nervoso central, levando a melhoras no rendimento escolar, nas relações interpessoais e autoestima, mas é importante salientar que o medicamento não possui propriedade curativa (CATELAN-MAINARDES, 2010; COUTO, MELO, GOMES, 2010; ROMERO, CAPELLINI; 2013).

Devido aos efeitos adversos produzidos pelos medicamentos em determinadas ocasiões, alguns profissionais e, acima de tudo, as famílias de crianças diagnosticadas com TDAH, expressam seu desejo de optar por outras formas de tratamento para responder às necessidades dessas crianças. Nesse contexto, surge o interesse em terapias integrativas e complementares, como a Musicoterapia, porém não se recomenda que eles sejam aplicados como uma substituição à medicação farmacológica, mas sim empregados como complementos ao tratamento (PABLO; GIRALDEZ-HAYES, 2019).

3. MUSICOTERAPIA

Barcellos (2015) relata que as origens da música são descritas por vários pesquisadores e estudiosos do tema, mas em comum todas as teorias têm a música apresentando como objetivo a necessidade da comunicação dos humanos primitivos com as divindades, com os animais e com os fenômenos da natureza que temiam, e a música seria uma forma de poder para enfrentar tais fenômenos, como o trovão, por exemplo. Utilizavam, a voz e o corpo em um processo mimético desses sons, com o passar do tempo, só a voz e o corpo não foram mais suficientes para essa comunicação, o que os fez criarem os primeiros instrumentos musicais, ainda de maneira rudimentar quando comparados aos atuais instrumentos.

Sabe-se que as primeiras civilizações musicais se estabeleceram principalmente nas regiões férteis ao longo das margens de importantes rios e a iconografia dessas regiões é rica em representações de instrumentos musicais e de práticas da música, dentre elas, as relacionadas à saúde. Assim, entende-se a musicoterapia que praticamos hoje, como uma linha de continuidade e desenvolvimento de 30 mil anos de tradições xamânicas de música e cura. É apontada, também, a recreação musical de feridos de guerra internados nos hospitais nos Estados Unidos e se deve reconhecer também a educação musical como outra vertente, principalmente em países que a têm como parte importante da educação, como Alemanha e Áustria, por exemplo (BARCELLOS, 2015).

A Musicoterapia, como a compreendemos hoje, é ciência nova e que deve ser entendida como um híbrido transdisciplinar em torno de dois principais campos: a Música e a Terapia, assim ela pode ser vista como um processo terapêutico que acontece através de experiências musicais e das relações que se dão através destas experiências musicais (BRUSCIA 2000, p.22; CHAGAS, 2008), o quadro 1 apresenta as ações proporcionadas pela terapia musical.

Quadro 1: Ações proporcionadas pela terapia musical

AÇÃO	REAÇÃO
Estimulação da concentração	A exposição ao som desperta nossos Processos sensorio-perceptivos do cérebro
Organização temporal de atividades	Os eventos musicais são estruturados como início, duração e fim, tornando mais fácil organizar e lembrar-se de atividades e impressões conduzidas simultaneamente.
Lembranças (memória) e experiências	A música propicia uma estrutura adequada onde impressões podem ser lembradas ou antecipadas. Ainda cria associações que nos possibilitam rememorar eventos.
Manter a atenção e a organização Sequencial da experiência.	Quando uma sequência de temas musicais é regularmente repetida, a exposição de um tema provocará a memorização do tema que se segue, ou seja, sempre lembramos antes mesmo que a escutemos.

Fonte: KNILL (1991) apud RIBAS et al. (2017)

Para Bruscia (2000) a Musicoterapia é um processo sistemático de intervenção em que o terapeuta ajuda o cliente a promover a saúde utilizando experiências musicais e as relações que se

desenvolvem através delas como forças dinâmicas de mudança. A terapia funciona como um processo de mudanças para o cliente/paciente, em que ora a música, ora o terapeuta atua como agentes de mudanças a caminho de seu bem-estar. Para que estes processos aconteçam é necessária alguma intervenção por parte do terapeuta.

Toda audição musical pode proporcionar momentos de descontração e relaxamento e por isso possuir efeitos terapêuticos, vários autores afirmam que todas as atividades que envolvem música podem vir a ter esses efeitos, embora somente a Musicoterapia como ciência e técnica tem objetivos terapêuticos claros e organizados, sendo esta a única área do conhecimento que utiliza a música com finalidades terapêuticas (BARCELOS, 1999).

A Musicoterapia procura pela música proporcionar equilíbrio físico, mental e social. Sabe-se que desde o início da vida as pessoas entram em contato com diferentes tipos de sons, mesmo ainda no útero, o bebê ouve o ritmo do coração da mãe, as crianças são acostumadas com as músicas de ninar. Principalmente na adolescência desenvolve-se próprios gostos e em alguns há a descoberta da inteligência musical, e é justamente toda essa bagagem emocional e cultural que ela desperta e possui que também pode ser usada como uma aliada à saúde. Assim, a Musicoterapia não é apenas música, é também ritmo, batidas e outros sons. São muitas as possibilidades de atuação, que pode ser focada na saúde física, mental e até espiritual além de poder ser utilizada desde a atenção primária até em paciente terminais (BARCELLOS, 2015).

Os efeitos da música sobre o ser humano e a sua utilização em terapia são comprovados por evidências baseadas em estudos científicos., por exemplo, exames por imagem permite que hoje se acompanhe o cérebro em funcionamento e os seus efeitos no ser humano sejam comprovados e demonstrados principalmente na área neurológica como na Doença de Alzheimer, Parkinson e Esclerose Múltipla, além de seus efeitos e eficácia quando utilizada como uma forma de comunicação em pacientes em tratamento de doenças psíquicas ou emocionais (BARCELLOS, 2015).

Em pesquisas quantitativas com emprego de ferramentas estatísticas a Musicoterapia tem sido estudada como controle da pressão arterial, diminuição do stress e dor crônica, já em estudos da Musicoterapia sobre patologias que afetam o psiquismo e problemas emocionais são empregados principalmente métodos qualitativos de pesquisa, ainda sobre o emprego da Musicoterapia Dileo apud Barcellos (2015) diferencia a aplicação da “Musicoterapia em Medicina” e da “Música em Medicina” , tais diferenças são apresentadas no quadro 2.

Quadro 2: Diferenças entre “Musicoterapia em Medicina” e “Música em Medicina”.

“Musicoterapia em Medicina”	“Música em Medicina”
Realizada por musicoterapeutas qualificados que utilizam técnicas e métodos específicos da musicoterapia.	Realizada por profissionais da área médica (não MTs - médicos, enfermeiros, dentistas, e profissionais da área de saúde) como terapia complementar a várias situações ou tratamentos médicos. Intervenção no stress, ansiedade, e/ou dor do paciente da área médica.
Sempre envolve - um processo terapêutico, - um musicoterapeuta, e - uma relação que se desenvolve com ou na música e no processo.	A relação terapêutica entre o paciente e o(s) membro(s) da equipe médica envolvido(s) não se desenvolve através da música. Não existe um processo terapêutico definido que ocorra através da música.
Ampla gama de experiências é utilizada: - receptiva (audição) - improvisação, - re-criação, - composição.	Intervenções de música em medicina incluem: Música de fundo em salas de espera, outras áreas do hospital ou espaços de tratamento. Programas musicais disponíveis ao paciente: antes de cirurgias e outros procedimentos como tocar para os pacientes.
- Podem ser utilizadas diversas atividades e diferentes artes combinadas. A música e a relação terapêutica servem como componentes curativos, mesmo que se tenha ênfase em um deles, ou ambos, durante o tratamento.	

Fonte: DILEO (1999, p. 4 e 5) apud BARCELLOS (2015).

Ainda de acordo com Barcellos (1984) em geral, os profissionais da área da saúde utilizam a “musicoterapia receptiva” enquanto os musicoterapeutas empregam, principalmente a “musicoterapia ativa”, ou “interativa”, sendo que nesta forma de atendimento o musicoterapeuta e paciente estão ativos, em interação, no processo de fazer música. Mas o trabalho de “música em medicina” também é extremamente importante, mas, seria fundamental que critérios mais claros fossem observados com relação à ao seu emprego e objetivos, mas dificilmente isto poderia ser feito na ausência de um musicoterapeuta.

4. MUSICOTERAPIA E TDAH

De acordo com a aplicação da Musicoterapia no processo de tratamento do TDAH pode ser desenvolvida através de várias técnicas, como música e movimento, improvisação instrumental, canto ou relaxamento e o mais importante é que estudos recentes com Musicoterapia aplicada a crianças diagnosticadas com TDAH mostram que os diferentes estímulos auditivos ajudam meninos e meninas a concentrarem sua atenção, aumentam tempo de concentração e atenção sustentada durante a execução de determinadas tarefas.

Segundo Pablo; Carabias-Galindo (2016) os benefícios com Musicoterapia no tratamento de crianças com TDAH podem ser obtidos no tratamento da impulsividade com exercícios relacionados à escuta, retardando a relação entre estímulo e resposta. Se uma criança é solicitada, por exemplo, a ouvir uma música e a indicar quando alternar seções, o musicoterapeuta deve manter o foco no estímulo e esperar pacientemente que ela encontre a resposta certa. Da mesma forma, nas sessões de

interpretação em grupo, a criança hiperativa terá que esperar sua vez de tocar a parte que lhe corresponde, são diferentes situações em que se atrasa o passo da pergunta e resposta e portanto, é um aprendizado de controle de impulsos.

Em relação ao TDAH, a Musicoterapia é capaz de contribuir satisfatoriamente em vários aspectos, como: **COGNITIVOS** - Favorece a capacidade de atenção, a concentração, estimula a imaginação, o desenvolvimento da memória e a melhoria do aprendizado; além de melhorar a sensibilidade, percepção e acuidade auditiva; **FÍSICA** - Ajuda a melhorar a respiração, o controle e a conscientização, cria momentos de relaxamento que sejam vantajosos para controlar comportamentos impulsivos; **EMOÇÕES** - Desperta, estimula e gera emoções e sentimentos. Melhorando assim a autorregulação emocional de cada um; **SOCIAL** - A música tem um grande impacto social, tornando-a um bom gerador de habilidades sociais, promovendo conversas, relacionamentos e compartilhamento com outras pessoas; **ARTE E CRIATIVIDADE** - A musicoterapia ajuda a desenvolver a criatividade e a imaginação, graças à improvisação de diferentes melodias ou ritmos (PABLO; GIRALDEZ-HAYES, 2019).

Ribas et al. (2017) descrevem que apesar das dificuldades de encontrar artigos e literaturas que relacionam os benefícios musicais com a atenuação dos sintomas do TDAH, os poucos trabalhos encontrados por esses autores indicam que há uma significativa ligação entre a música e a ativação do córtex cerebral e ainda reforçam que em nossas sociedades atuais existe uma certa falta de instrução para distinguir o patológico do saudável, rotulando crianças e adolescentes e medicalizando-os, esses autores ainda encontraram escassa ênfase da música como ferramenta terapêutica, todavia os resultados por eles encontrados se mostram favoráveis na restauração de ineficácias mentais.

Algumas atividades musicais, como o uso de instrumentos através da improvisação, proporcionam às crianças com TDAH a oportunidade de canalizar sua energia, reconhecer seu próprio ritmo interno e adaptar-se a ele, contribuindo desta forma para o processo de autorregulação emocional levando a um aumento da capacidade de controlar comportamentos impulsivos, também ajuda a aumentar o nível de autoconhecimento para alcançar momentos de relaxamento, além de incentivar o desenvolvimento de habilidades sociais e a expressão de emoções (PABLO; GIRALDEZ-HAYES, 2019).

Dolgun (2028) realizou um trabalho musicoterapêutico com crianças entre 6 a 9 anos cujos pais e professores afirmavam serem crianças hiperativas, malcomportadas e não adaptáveis empregando como metodologias a variações de ritmos, jogos musicais e canções cantadas e tocadas com os mais diversos instrumentos, a autora afirmou que no decorrer de 8 sessões pode-se constatar uma diminuição dos sintomas de TDAH dentro da sala de aula.

A aplicação da Musicoterapia como terapia para o TDAH pode ser feita de várias maneiras, tais como: Expressão verbal e não verbal através do canto e da dança; Relaxamento com música;

Discriminação musical, de melodia, ritmo e instrumento; Imitação de melodias e ritmos; Improvisação instrumental, reconhecendo o seu próprio ritmo e adaptando-se a ele assim a a musicoterapia é outra alternativa de intervenção para trabalhar com crianças com TDAH, pois é favorável ao seu desenvolvimento e pode contribuir para solucionar e / ou reduzir certos problemas gerados por esse distúrbio (PABLO; GIRALDEZ-HAYES, 2019).

Em um trabalho de revisão com trabalhos publicados entre 1998 e 2018 realizado por Albert (2019) a autora concluiu através dos resultados obtidos e analisados nestes trabalhos que as intervenções musicoterapêuticas e não-musicoterapêuticas trazem benefícios para crianças com TDAH e estudos informam e orientam musicoterapeutas em sua prática com crianças com TDAH, mas são necessárias mais pesquisas para entender completamente o impacto intervenções de musicoterapia., complexidade desse distúrbio do neurodesenvolvimento, tanto nos aspectos cognitivos, motores, psicológicos e sociais, devem ser levados em consideração para capacidade de desenvolver procedimentos e protocolos de pesquisa.

De acordo com Anjos et al. (2017) além da aprendizagem de habilidades musicais, como reprodução de ritmo, melodia, identificação e capacidade de tocar diferentes instrumentos e improvisação, as crianças que passam por sessões de Musicoterapia apresentam melhorias na atenção, memória e criatividade, que são características que devem ser trabalhadas em crianças com TDAH, porém esses autores afirmam que a escassez de estudos recentes no país relacionados à temática corrobora a posição de que a Musicoterapia deva ser mais difundida e pesquisada no Brasil.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de muitas serem as dúvidas sobre as causas do transtorno de déficit de atenção e hiperatividade, sabe-se que ele produz vários problemas tanto na aprendizagem quanto na socialização de crianças e adultos, pelos trabalhos empregados nessa revisão pode-se concluir que a musicoterapia é uma importante terapia que pode ser empregada com esses pacientes uma vez que os estudos indicam que ela é capaz de melhorar o quadro geral dos pacientes. Ressalta-se ainda que as técnicas a serem usadas com esse público devem ser as descritas como Musicoterapia Ativa, pois elas são capazes de controlar o foco e a ansiedade dos pacientes, porém é importante citar que muitas pesquisas devem ser ainda realizadas buscando delimitar as maneiras e resultados do tratamento musicoterapêutico m pacientes com TDAH.

Por se tratar de um trabalho cujo tema ainda não é assunto de muitas pesquisas, esse trabalho possui como limitação o fato de que resultados possíveis e mais detalhados do emprego da musicoterapia em crianças com TDAH não estão disponíveis para análise e prática clínica, de forma que, como sugestão de aprofundamento e propostas de novos trabalhos sugere-se a realização de atividades musicoterapêuticas ativas com crianças diagnosticadas com o transtorno tanto em

Musicoterapia em crianças...

processos grupais quanto clínicos o que levaria a uma maior compreensão dos efeitos do processo musicoterapêutico para essas crianças.

REFERÊNCIAS

ACAMPORA, Bianca. **Psicopedagogia clínica: O despertar das potencialidades**. 4. Ed., Rio de Janeiro: Wak Editora, 2019, 180 p.

ALBERT, Nathalie. **Musicothérapie et intervention musicale auprès d'enfants atteints du trouble déficitaire de l'attention avec ou sans hyperactivité : une recension des écrits**. 2019, 60f. Dissertação (Mestrado em Artes – Terapia pelas Artes – opção Musicoterapia). Departamento de terapia pelas Artes – Universidade Concordia, Montreal, 2018.

ANJOS, Alexandre Gonzaga et al. Musicoterapia como estratégia de intervenção psicológica com crianças: uma revisão da literatura. **Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia**. São João del Rei, v.10, n. 2, p. 228 – 238, 2017.

ASHERSON, Philip. **O Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) e a Genética**. 2010. Disponível em: < <http://www.encyclopedia-crianca.com/hiperatividade-e-deficit-de-atencao-tdah>>. Acesso em 01 mai. 2020.

BARCELLOS, Lia Rejane Mendes. **Cadernos de Musicoterapia 4: etapas do processo musicoterápico ou para uma metodologia em musicoterapia**. Rio de Janeiro: Enelivros; 1999, 78p.

BARCELLOS, Lia Rejane Mendes. Musicoterapia em medicina: uma tecnologia leve na promoção da saúde – a dança nas poltronas! **Revista Música Hodie**, Goiânia, v.15, n.2, p. 33-47, 2015.

BARCELLOS, Lia Rejane Mendes. Qu'est-ce que la Musique en Musicothérapie. **La Revue de Musicothérapie**. Paris, v.4, n.4, 1984.

BRUSCIA, Keneth. **Definindo Musicoterapia**. Rio de Janeiro: Enelivros, 2000.

CALIMAN, Luciana V; RODRIGUES, Pedro H P. A experiência do uso de metilfenidato em adultos diagnosticados com TDAH. **Psicologia em Estudo**, Vitória, v. 19, n. 1, p.125-134, mar. 2014.

CATELAN-MAINARDES, Sandra Cristina. Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade na Infância e Adolescência pela Perspectiva da Neurobiologia. **Revista Saúde e Pesquisa**, v. 3, n. 3, p. 385-391, 2010.

CHAGAS, Marly. Cantar É Mover o Som. In: II Fórum Paranaense de Musicoterapia, Encontro Paranaense de Musicoterapia, II Encontro Nacional de Pesquisa em Musicoterapia, **Anais...**, Curitiba: AMT-PR, 2001, p. 119-122.

COSTA, Adriana Correia; DORNELES, Beatriz Vargas; ROHDE, Luiz Augusto Paim. Identificação dos Procedimentos de Contagem e dos Processos de Memória em Crianças com TDAH. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 25, n. 4, p.791-801, 2012.

COUTO, Taciana Souza; MELO, Mario Ribeiro Junior; GOMES, Claudia Roberta de Araújo. Aspectos neurobiológicos do transtorno do déficit de atenção e hiperatividade (TDAH): uma revisão. **Ciências & Cognição**, Recife, v. 15, n. 1, p.241-251, 2010.

DIAS, Gabriela; SEGENREICH, Daniel; NAZART, Bruno; COUTINHO, Gabriel. Diagnosticando o TDAH em adultos na prática clínica. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**. São Paulo, v. 56, supl. 1, p. 9-13, 2007.

DOLĞUN, Ömür Bütev. Music therapy in ADHD and autism. **Journal of Humanities And Social Science**. Los Angeles, v. 23, n.7, p. 90-96, 2018.

EUGÊNIO, Mayra Lopes; ESCALDA, Julia; LEMOS, Stela Maris Aguiar. Desenvolvimento cognitivo, auditivo e linguístico em crianças expostas à música: produção de conhecimento nacional e internacional. **Revista Cefac**, Belo Horizonte, v. 14, n. 5, p.992-1003, 2012.

LOPES, Regina Maria Fernandes; NASCIMENTO, Roberta Fernandes Lopes; BANDEIRA, Denise Ruschel. Avaliação do transtorno de déficit de atenção/hiperatividade em adultos (TDAH): uma revisão de literatura. **Avaliação Psicológica**. Campinas, v.4, n.1, p. 65-74, 2005.

PABLO, Alberto Acebes-de; CARABIAS-GALINDO, David. El alumnado de primaria con Trastorno por Déficit de Atención/Hiperactividad (TDAH): la Musicoterapia como herramienta integradora dentro del contexto del aula de música. **Revista Electrónica de LEEME**. Valencia, n. 38, p. 1-16, 2016.

PABLO, Alberto Acebes-de; GIRALDEZ-HAYES, Andrea. El papel de la Musicoterapia y las terapias alternativas en el tratamiento del TDAH: un estudio exploratório. **Medicina Naturista**. Zaragoza, v. 13, n. 1, p. 15-20, 2019.

RIBAS, Solange Viana da Costa; COLI, Talita Ribeiro; SILVA, Yara Cristina Romano; CATELAN-MAINARDES, Sandra Cristina. O uso da musicoterapia como possibilidade de tratamento do TDAH: uma revisão bibliográfica. in: ANAIS DO ENCONTRO INTERNACIONAL DE PRODUÇÃO CIENTÍFICA, 2017, . **Anais eletrônicos...** Campinas, Galoá, 2017. Disponível em: <<https://proceedings.science/epcc/papers/o-uso-da-musicoterapia-como-possibilidade-de-tratamento-do-tdah%3A-uma-revisao-bibliografica>>. Acesso em: 21 jul. 2020.

ROMERO, Ana Carla Leite; CAPELLINI, Simone Aparecida; FRIZZO, Ana Cláudia Figueredo. Cognitive potential of children with attention deficit and hyperactivity disorder. **Brazilian Journal Of Otorhinolaryngology**, São Paulo, v. 79, n. 05, p.609-615, 2013.

SIGNOR, Rita de Cassia Fernandes; SANTANA, Ana Paula de Oliveira. A constituição da subjetividade na criança com diagnóstico de Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade. **Bakhtiniana**, São Paulo, v.15, n. 2, p. 210-228, abril/jun. 2020.

Recebido em: 06/07/2022

Aceito em: 04/10/2022